

Sociedade

UM PREDADOR AMEAÇADO

Sónia Balasteiro
sonia.balasteiro@sol.pt

As últimas notícias de ataques a gado perto de povoações tornaram o maior carnívoro ibérico ainda mais temido. Mas, garantem os especialistas, neste conflito antigo é o lobo que mais teme o ser humano que o deixou à beira da extinção.

‘Mouro’ andou 60 km «**em linha recta**» para chegar à Serra d’Arga e às encostas de Santa Luzia, a poucos quilómetros de Viana do Castelo. Conseguiu chegar a estas montanhas em Fevereiro de 2013, após ter ultrapassado obstáculos que costumam ser mortais para a maioria dos lobos.

Depois de ter sido expulso da sua alcateia, ‘Mouro’ foi obrigado a migrar. E, desde Castro Laboreiro, no Alto Minho, este lobo «**atravessou todo o Vale do Vez, uma área fortemente humanizada, passou pela A3 e, depois, pelo IC28**», conta Helena Rio Maior, do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO/InBio) da Universidade do Porto.

‘Mouro’ é um dos cinco lobos ibéricos da alcateia que se instalou entre Santa Luzia e a Serra d’Arga, entre a cidade e o mar, e que, nas últimas semanas, foram notícia por atacar rebanhos nas aldeias próximas de Viana do Castelo. Os investigadores sabem exactamente por onde andou este lobo porque Mouro é um dos 15 animais marcados por telemetria desde 2007, através de um programa de monitorização da espécie executado pelo CIBIO e apoiado pela Associação de Conservação do Habitat do Lobo Ibérico (ACHLI).

Mas, dos 15 lobos marcados com GPS no âmbito do programa para a conservação da espécie, apenas nove sobreviveram durante o período de 18 meses em que foram seguidos – lamen-

tam as organizações envolvidas na conservação do maior carnívoro português, actualmente em vias de extinção e com um território reduzido ao Norte e Centro do país. «**Já suspeitávamos que o conflito com o homem implicava taxas de mortalidade bastante elevadas para os lobos, mas nunca imaginávamos que fosse tanto**», lamenta Helena Rio Maior, que investiga o lobo ibérico há 12 anos, e está a realizar uma tese de doutoramento sobre a espécie.

Falta fiscalização

O primeiro lobo marcado a morrer, conta a especialista, foi abatido a tiro. Um outro morreu envenenado, dois foram capturados em laços (que os caçadores destinam geralmente aos javalis) e os últimos foram, também,

abatidos a tiro: «**O furtivismo é uma das maiores ameaças à conservação da espécie**», nota a bióloga.

A escassez de presas selvagens – o lobo alimenta-se de animais como o javali, o corço e o veado – é outra das grandes ameaças, nota Helena Rio Maior.

É por isso que o lobo desce às povoações: vai à procura de presas fáceis, ou seja, de animais domésticos desprotegidos. «**A cha-**

ve para a conservação do lobo e para uma maior protecção do gado seria uma fiscalização apertada para controlar o furtivismo, o que teria como consequência um aumento das presas selvagens e das presas silvestres», explica, acrescentando: «**Um manejo do gado com métodos de protecção rigorosos permitiria diminuir os ataques aos animais domésticos e, desta forma, o conflito homem-lobo**». Outra grande ameaça é a destruição do *habitat* natural do lobo.

Há cerca de 300 lobos em Portugal

Mas o pior ‘pesadelo’ com que se deparam estes animais – sobretudo os da alcateia das serras d’Arga e Santa Luzia, a que ‘Mouro’ se juntou – é mesmo o ser humano. E é um inimigo devastador. Tanto que deixou o lobo em vias de extinção.

Segundo os últimos censos, já de 2002-2003, a população destes animais foi estimada em apenas cerca de 300 em território nacional. Em média, especifica Helena Rio Maior, cada alcateia tem seis indivíduos a norte do Douro e 4,5 a sul.

As notícias sobre a aproximação deste predador às populações – apesar «**de ser extremamente tímido**» e «**temeroso do ser humano**» – não ajudaram a espécie, já de si mal-amada pelos pastores, diz, por seu lado, Sílvia Ribeiro, do Programa Cão de Gado (ver caixa): «**Os lobos não são perigosos para o homem, não atacam humanos. Pelo contrário, têm medo deles**», garante a responsável.

Os lobos aproximam-se das povoações apenas para procurar alimento e «**muitas vezes as pessoas confundem-nos com cães vadios**». «A verdade é que, quando os prejuízos são causados por lobos, há direito a indemnização, por se tratar de uma espécie protegida», acrescenta Sílvia Ribeiro.

Os testes de ADN realizados pelo Grupo Lobo às carcaças de gado deixadas na zona de Almeida, por exemplo, mostram que, por vezes, o predador não é o lobo, mas cães vadios.

De qualquer modo, «é importante», insiste Sílvia Ribeiro, que «os proprietários de animais voltem a ter velhos cuidados de protecção dos seus rebanhos ou manadas».

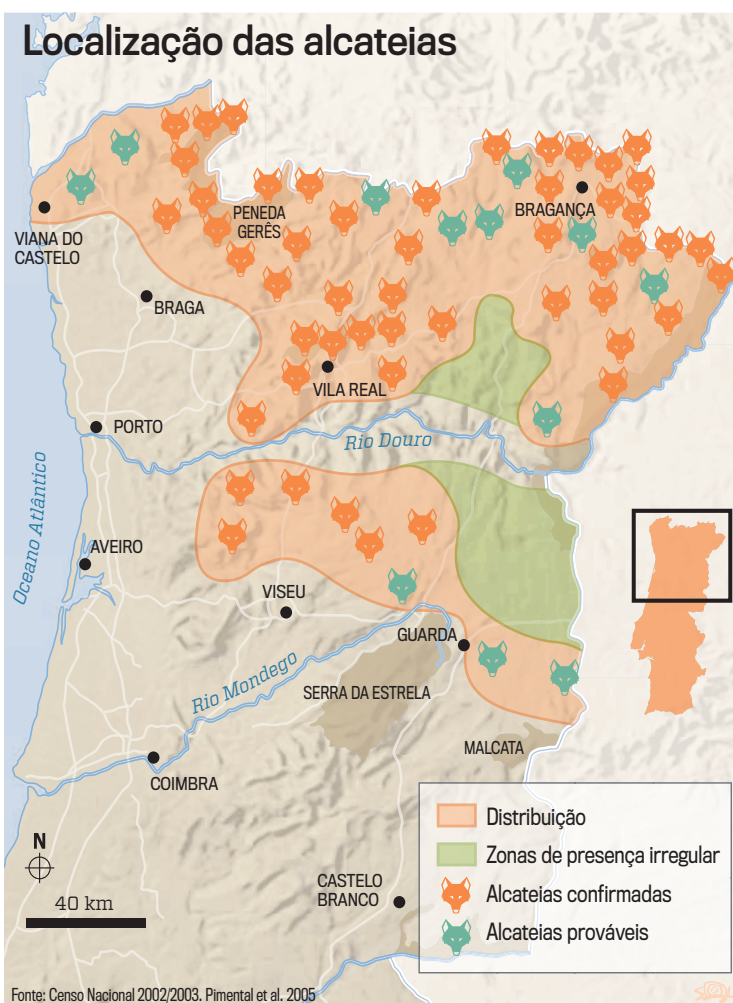
CIBIO



O lobo ‘Mouro’ captado por uma câmara de vigilância durante a sua viagem de 60 km até às encostas de Santa Luzia e Serra d’Arga, em Viana do Castelo

‘Guardadores’ de lobos

Criado em 1985, o Grupo Lobo é uma organização não governamental que se dedica à conservação do lobo, no âmbito dos apoios à investigação da espécie protegida pela Lei do Lobo, de 1988. A associação, formada por biólogos, antropólogos, geneticistas e outros investigadores, além de centenas de sócios, promove medidas práticas de conservação que aumentem a tolerância do homem em relação ao lobo e divulga informação actualizada sobre este predador. Além do programa ‘Cão de Gado’, a organização coordena vários projectos, incluindo o europeu Life Medwolf. Já a Associação de Conservação do Habitat do Lobo Ibérico (ACHLI) é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 2006 por um grupo de empresas relacionadas com a implementação de projectos eólicos, nas Serras da Freita, Arada e Montemuro. S.B.



Medidas para proteger o gado

O Grupo Lobo organizou uma lista de métodos eficazes para evitar os ataques de lobos aos animais domésticos.

Ter um cão de gado é uma das medidas mais eficazes para manter os lobos afastados das manadas e dos rebanhos. O Grupo Lobo criou, já em 1997, o programa 'Cão de Gado', através do qual entrega aos pastores cachorros de Castro Laboreiro, da Serra da Estrela de Pêlo Curto, de Gado Transmontano e Rafeiros do Alentejo (informações em lobo.fc.ul.pt).

Outra das medidas a adoptar em territórios onde vive o lobo ibérico é a presença de um pastor junto do rebanho: contribui para diminuir o risco de predação, impedindo a dispersão dos animais e escolhendo caminhos e pastagens mais abertas, evitadas pelo lobo.

Recolher os animais durante a noite, num estábulo seguro – a noite é o período em que todos os predadores estão mais activos – é

outra das precauções a adoptar.

O Grupo Lobo aconselha ainda a colocar chocalhos nos animais do rebanho ou manada. «**Permite ao pastor localizá-los mais facilmente. Alguns protegem o pescoço das mordeduras de canídeos**», tanto de lobos como de cães vadios.

Outra medida a adoptar passa por não deixar as vacas parir no monte. Como predadores naturais, lobos atacam as presas mais frágeis.

As vedações eléctricas também têm tido bastante sucesso para impedir os ataques dos predadores. Por vezes podem ser substituídas por vedações permanentes em rede/malha de metal com cerca de dois metros de altura, enterrada para impedir a escavação.

Na zona da Beira Alta, por exemplo, foi concluída, em Setembro de 2013, a construção de uma vedação para proteger uma exploração de avestruzes localizada no concelho de Almeida, que vinha registando ataques frequentes de lobos. Desde então, não sofreu um único ataque, tendo-se consegui-

do uma redução de 100% dos prejuízos, congratula-se Sílvia Ribeiro, do Grupo Lobo.

Finalmente, acrescenta a responsável, outro método bastante eficaz é a utilização de luzes e de sons para afugentar os lobos.

Medos e mitos do 'lobo mau'

Ao longo dos séculos, o lobo é um dos predadores mais marcantes dos medos humanos – de que são exemplo histórias como a do Capuchinho Vermelho. No entanto, não é perigoso para o homem, nem o ataca.

Apesar disso, é visto como ameaça à vida humana, portador de doenças míticas como a 'lobagueira' e cúmplice de fadas dos lobos.

Mas a verdade é que o lobo é um predador necessário: controla animais como a raposa e a fuinha, devoradores de lebres, e é responsável por reduzir outros predadores, como cães vadios, e de herbívoros que atacam as colheitas.

S.B.

Cães abrem guerra entre PSP e GNR

Após uma busca falhada, na Madeira, a PSP deixou de recrutar os cães da GNR e criou a própria equipa cinotécnica. Militares reforçaram número de canídeos.

O conflito está instalado e dura há quase seis meses: PSP e GNR estão de costas voltadas na Madeira, por causa de uma disputa que envolve os cães de cada uma.

Descontente com um serviço prestado pela cinotecnia da GNR, a PSP decidiu instalar a sua própria equipa e deixou de recorrer à GNR. Esta, depois disso, reforçou o número de canídeos.

Ao que o *SOL* apurou, o clima de mal-estar institucional começou no início do Verão: a PSP precisou de fazer uma inspecção num avião civil onde suspeitava haver material explosivo. Como não tinha cães, teve de recorrer à GNR, que disponibilizou um binómio (homem-cão). Só que o animal, como não estava preparado para detectar armas nem explosivos, mas sim droga, acabou por não se revelar útil. Um chefe da PSP apercebeu-se da situação – que foi interpretada como má-fé no seio da instituição – e reportou-a ao comandante.

O caso precipitou uma decisão há muito equacionada pela hierarquia. Em Setembro, foram mobilizadas para a ilha seis equipas cinotécnicas: dois cães vocacionados para detecção de droga, dois para armas e explosivos e outros

dois para busca e salvamento de pessoas. Ao *SOL*, fonte oficial da PSP garante que não foi este episódio que esteve na origem da decisão, mas sim «**uma pretensão com cerca de 20 anos**». Já em Agosto, o comandante regional, Miguel Mendes, sublinhava que estava em falta «**uma valência fundamental**» na ilha.

GNR tem agora cães para resgate em montanha

Mas a GNR não viu com bons olhos esta perda de monopólio e, temendo perder esta valência, decidiu reforçar o contingente com quase dez animais vocacionados para o resgate na montanha.

O conflito, segundo informações recolhidas pelo *SOL*, está entretanto a extravasar para outras áreas. Elementos da brigada fiscal da GNR têm sido vistos a fazer operações *stop*, o que é uma competência da PSP, responsável pela segurança de todo o território, tendo a Guarda apenas competências nos domínios fiscal e marítimo (controlo de alfândegas e portos).

Contactada pelo *SOL*, esta força de segurança não fez comentários sobre o assunto.

Sónia Graça

